

Alfonsín aconselha ricos a seguir aviso dos pobres

Nações Unidas — O presidente da Argentina, Raul Alfonsín, advertiu ontem as nações industrializadas que "se não houver uma mudança no sistema econômico internacional poderá ocorrer uma crise internacional de magnitude imprevisível".

Em seu último dia em Nova Iorque, Alfonsín deu estas declarações ao falar diante da conferência ministerial do "Grupo dos 77", que reúne 130 países em desenvolvimento do grupo dos não-alinhados.

Alfonsín assinalou que os acontecimentos estão demonstrando o que as nações em desenvolvimento vêm advertindo: "Para modificar a atual situação faz-se necessário uma transformação substancial do atual sistema de relações econômicas entre nações e novas regras sobre o que é justo e legítimo na economia internacional".

O presidente argentino disse ainda: "Para nos dirigentes de países fortemente integrados na economia internacional, é importante evitar uma ruptura de consequências imprevisíveis no sistema comercial mundial e de pagamentos internacionais".

Acrescentou que "seria desejável e prudente que os governos dos países desenvolvidos participassem conosco na reformulação necessária que nos possibilite antecipar tais rupturas e deixar de esperar situações irreparáveis para atuar".

Alfonsín indicou que os países latino-americanos que se reuniram em Cartagena, Colômbia, assinalaram "nossa preocupação pela falta de sentido de urgência que os países industrializados têm demonstrado para solucionar a crise do endividamento externo, apesar do crescente empobrecimento dos países em desenvolvimento".

Alfonsín insinuou que o pedido de seu colega norte-americano, Ronald Reagan, de uma liberalização do comércio internacional poderia ser considerado como um verdadeiro triunfo da posição da América Latina.

Reagan efetuou ontem um chamado aos 148 países que assistem ao conclave conjunto do FMI e Banco Mundial, em Washington, para que todas as nações do mundo apoiem uma nova reunião visando a buscar uma liberalização do comércio,

"fortalecer o sistema comercial global e assegurar que seus benefícios se estendem aos povos de todas as regiões do mundo".

Ele afirmou ainda que o recente protecionismo dos países desenvolvidos dificulta as exportações das nações endividadas que necessitam essas divisas para pagar seus compromissos.

Alfonsín também criticou as altas taxas de juro "que tem um grave efeito negativo".

O presidente argentino acentuou também que embora a recuperação continue concentrada em alguns países desenvolvidos, "que seguem aplicando políticas econômicas que afetam a perspectiva de crescimento na maioria dos países da comunidade internacional, esta recuperação está fadada a precariedade, ameaçando precipitar-se em uma crise internacional cuja magnitude, profundidade e consequência não se podem prever".

Banqueiros

O presidente Raul Alfonsín reuniu-se, ontem, com banqueiros norte-americanos, após ter negociado um programa de empréstimos com o Fundo Monetário Internacional.

A reunião, no decorrer de um almoço oferecido pelo ex-secretário de Estado Norte-americano Henry Kissinger, compareceram também o ministro de Economia argentino, Bernardo Grindpun, e destacados banqueiros, inclusive David Rockefeller.

Anteontem, o FMI e Grinspun anunciaram que se recomendará à junta diretora do organismo a aprovação do programa econômico argentino. O acordo poria a disposição da Argentina durante um período de quinze meses recursos da ordem de 1 bilhão 5000 milhões de dólares.

Fontes bancárias disseram que a junta só deverá se reunir em novembro, ficando pendente de pagamento um empréstimo de 750 milhões de dólares, que vence em meados deste mês, e entre 900 milhões e um bilhão de dólares em juros que vencem no fim do mês.

Uma vez aceito o programa, recomendado pelo diretor-gerente do FMI, Jacques de Larosière, e que dependerá da disponibilidade de financiamento externo adicional, a Argentina então poderia ter acesso a empréstimos dos bancos comerciais num valor calculado entre 4 e 5 bilhões de dólares.